

a terceira finalmente ^q dá uma
noção do vocabulário que ela
emprega nas suas relações di-
árias.

Confesso que dela, a que
mais me satisfez foi a miúda-
ra, cu' revel. V. Ex.^a a sua qua-
lidade de observador, e por sua
vez dizer muito, de escritor,
transmittindo-nos, com stile sim-
ples e agradável, os resultados con-
cretos de suas visitas ao mu-
nicipio de S. José do Norte.

Não ~~decição~~ ^{decisão, intuitiva,} ~~decição~~ V. Ex.^a, e mais
ver, a mesma atenção e cuidado
à segunda, que repõe a mais
importante de sua tese. Não se deve
esquecer que, numa tese de tri-
lógica, sob sua forma lógica que ela
pode ser encarada, e a lógica que
constitui o seu cerne, ou pelo me-
nos, em termos da lógica,
o seu objecto principal.

A terceira também me
deceia alguns aspectos, principalmente
por sua, recolhendo o material voca-
bular, V. Ex.^a não separou o que é
propriamente regional do que pertence
e é língua comum, ou pelo me-
nos, verificável também em outras
regiões do país.

Por isso, a minha observa-
ção se restringe a essas duas

Li a tese de V. Gr., que,
de modo geral, me agradece
por várias razões, de que até é
a melhor verificar que o seu
autor está integrado na nossa
orientação lingüística, que concede
um lugar destacado ao estudo
dos falares regionais, para o
de capital importância, neste mo-
mento em que tanto se fala
na elaboração do atlas lingüístico
do Brasil.

Logo, por isso, congratular-me,
em primeiro plano, com V. Gr.
e depois com a Faculdade de Fi-
losophia do Rio grande do Sul,
pelo interesse que vem demon-
strando por este gênero de tra-
balho, com plena evidência, em
a realzações que se promovem, há me-
nos de dois anos, da Comissão
de Dialectologia Brasileira.

A tese de V. Gr. compreende
^{em} ~~duas~~ partes distintas: a primeira em
que descreve a região que foi
objeto de suas pesquisas, trata-
mos a história do seu povoamento,
falamos do homem e de suas
atividades no domínio da agricul-
tura, da pecuária e da criação de
gado; a segunda em que procura
na focalizar os fatos mais relevan-
tes ou característicos de uma fala.

(3)

últimas partes de sua tese, mais
principalmente a segunda, terceira e
quarta.

O seu dito artigo pareceu en-
teramente geral, pois não se sabe
qual o objeto de seu trabalho.

Li a tese de V. Ex.^a, que, de
modo geral, me agradou por ver
que o seu autor é pessoa de
grandes méritos e se acha per-
feitamente integrado

Alg. 88.

Exatouche de transcritas fructu, V. 88.
representa do â vogal média fechada por
â e exemplifica: canu = kânu. Logo
depois o o vogal lábio-velar fecha
de e exemplifica: domu = dônu.

Ora, essas duas vogal ~~mas~~ são
fechadas por gem são nasal. Logo
os exemplos deviam ser outros.

Gracia

talwin — p. 12, 65, 78

reclutados — p. 22

Pág. 90

"1. - o a tônico ditonga-se em:

ai: há > ay

plaga > maino

cambrá > kāybra

ás > af

mar > map

lag > lays

rapaz > rapays"

^{Os últimos}
~~estes~~ casos se assemelham aos de

2 tônico final, o tônico final e
u tônico final, quando seguidos
de s ou z (pág. 91)

tres > treys

arroz > arroys

jesus > jesuys

Quanto ao ai, equivalente a
há, creio que a explicação é dife-
rente. ai é provavelmente a conserva-
ção de um arcaísmo (cf. cast. lay,
fr. il y a). Provém do lat. habet
ibi ou hic. Exemplos do C.R.: non á
i mais (9143), non á i tal (7852), non
á i crita maior (1975, 1994)

Falando acerca de hai, diz
Amadeu Amaral: "Vem a propósito referir
que a forma hai, contracção e diton-
gação de há ai (por "ha i") que
se encontra em muitos documentos

Pág. 28

"R vibrante alveolar simple sonora: ru-
ma"

"R vibrante alveolar múltiple sonora:
carreta = karrêta."

Pág. 91

"2 - o e pretônico para para a.
semea > semea
estão > âtôw "

Um pouco abaixo diz V. Ex.ª.

"3 - e pretônico para para i.
estai > istay "

Penho pare mim que não se tra-
ta de um caso. No primeiro
exemplo, e não penho para e,
por que se trata de um arcáico,
conservado em algumas regiões do
Brasil. A mudança normal é de
ẽ para i; intrá, insino, innotê, inbornê

Pág. 91

"5 - e átomo final para para ê.
nome > nomi
loje > ôji
onde > ôdi

Em Canoa, na 1ª edição ^{do Livro} de (1872),
em que o polígrafo tem o livro em
de para a regras do observador,
encontra-se antam, para só dar um
exemplo.

"Filhos porão parece, os companheiros
"E nelle antam os Inaslos primeiros.

(Ed. fac-similada, do

Livro Livro, 1921, to. III, st. 21)

Pág. 90

antigos da língua) só é empregado, quando
saibamos, estas condições:

— quando precede ao verbo o adverbio
nã, como no exemplo dado acima;
ou;

— quando o verbo termine a proposição;
é tuas gratas hai — vô o
ainda hai

(Dialecto Caipira, S. Paulo, 1920,
p. 61-62).

Pág. 94

"1. - Assimilacões:

costume > curtuame

corrupio > currupio"

Perá' havia aí um caso de
assimilacões, ou se pode interpre-
tar este fato como uma passa-
gem normal do o pretérito,
com V. 3.^a assinala na pág. 92,
§ 9: sover > sover, sovera > sovera?

Pág. 91

Amadeu Amaral cita um exemplo
de gatos em Valdeavim de Silveira:

"Gatos da raposa bom em mim, mas
disse mais nada, e saiu adiante."

(Dial. Paip., S. Paulo, 1920, p. 76)

Pág. 91.

Também samear é um arcaísmo
ortépico conservado na fala de
S. José do Norte.

Intelecto desta palavra diz Amadeu
Amaral, depois de citar Cornelio Pe-
rez, que emprega sameado: "é forma
antiga:

"Bolo de trigo almeivado,

"Com dois raios, no meu lar;

"Por minha mãe sameado

(J. Vicente, Ante do Fado)

Há exemplos:

samear

sameado

Pág. 91, 7.

Conduto é um arcaísmo que
conserou na fala de S. José do
Norte: condutur > conduto. Encontra-
também a forma condoito.

Pág. 95.

"6. - Palatalizações:

peguenino > pegueninho "

A transcrição que V. Ex.^a faz de pegueninho não corresponde ao que diz a pág. 81, onde nos explica que na fala de São José do Norte é protônico para i, citando exemplos como senhora, timão, alikatá, istaiç, bixiga.

Aliás, fico em dúvida se pegueninho seja a ~~de~~ palatalização de peguenino -u- de peguenino. Tenho ainda para mim que ao se dar a palatalização, na lapsolipse de peguenintinho (pegueninho)

Pág. 95

"Palatalização

cincha > chincha "

Nas teria havido ali um caso
da assimilação da sibilante a pala-
tal final. Por outras palavras, no
foi o chi final a causa de
modificação da cin inicial por
chin.

José Joaquim Nunes atribui à
assimilação os exemplos de linguagem
popular portuguesa chacho (sacho)
e laxcho (laxcho) (Gram. Hist. Port.
2ª ed., Lisboa, 1930, p. 94)

Nas se pode, entretanto, notar a pala-
talização, principalmente no português
arcaico, onde se nos deparam exem-
plos da sibilante como palatal:
ci > xe, sulfure > xupe, etc. última
atribuída à presença monossilábica.

Há ainda a citar os casos de
chichero (cicero por cicera) e chisme
(cimice). No francês e cast. encontram-
chiche, chincha. (Idem, l. cit., pag. 94)

Pág. 99

° I. - Prefixação: a-

ad: acolherar, arrólho

arrochar, aprecatar

aprontar, assoberbar

Nos ^{exemplos} ~~exemplos~~ ex. V. Ex.^a / faz, h
pelo menor duas palavras, gem
nas vezes formaram com o prefixo
latino ad, sas acolherar e apre-
catar.

Nos exemplos acima, creio tra-
tar-se de formações verbações,
onde o prefixo latino ad-
se acha representado em português
por a-.

Pág. 87

"A palavra parã, empregada no plural, tem significação especial = os órgãos genitais, tanto do homem como da mulher."

Certo não ser sentido apenas da linguagem de S. José do Norte, mas na cidade do Rio já tem sido usada várias vezes a palavra empregada com esse significado.

Pág. 98.

Nas vés por seu rapaz V. Ex.^{ta}
Considera numerar o nome de
unidade de medida por
ocorrer nesta página.

Pág. 99

"2. - Preposições: em riba
de riba "

Certo que nos se trata de
preposições, mas de advérbios, em certas
expressões adverbiais. As mesmas, se se disserem
se em riba de, de riba de, admitem
como exemplos adv. prepositivos.

Vocabulário

Esquecem-se V. Ex.^a de registrar muitas palavras, que ocorrem no texto:

chama (p. 27) lucano (p. 58)

trapeiros (p. 48) lulum (p. 59)

atrêlo (p. 58, 59)

navadores (p. 61) - explica

amulhar-se (p. 69) - "

ronda (p. 73) - "

cabuloso (p. 87)

relá (p. 83)

insorfas (p. 84)

quartel (p. 84)

utilado (p. 87) - explica

balancim (p. ~~87~~⁸³) -

espaletado (p. ~~86~~⁸³).

Por outro lado, registra a palavra com sentidos diferentes do que ocorre no texto:

"chavelha (p. 113) - espiga de cabeceiras da carrata." Este sentido, entretanto, não se aplica à expressão da p. 85: "rede de chavelha." A expressão se encontra à p. 85, antepenúltima linha.

"marca (p. 121) - sinal impresso a fogo no pelo do animal."

- instrumento de ferro usado para marcar."

Nenhum destes sentidos convém ao que aparece à p. 32: "dancam

Pág. 101

"b.) Substantivo feminino, adjetivo masculino:

O' bendito, bendito, louvado seja
a Maria..."

Não creio que isto seja simplesmente
uma falta a falta de concordância
do adjetivo feminino. O que
certamente se deu aqui foi
a influência do cântico: Bendito
louvado seja o Santíssimo Sacramento.
Para isso teria influência a per-
da de acento pela posição afor-
tada do substantivo.

Outras vezes, definindo uma palavra de dar o sentido de primitiva, exempli:

"basteirado (p. 107) - cavalo pisado na basteira." Mas não nos diz o que significa basteira.

"macegoso (p. 120) - campo abundante em macega." Procuro macega no Vocabulário e não encontro. Fico, por isso mesmo, na dúvida.

"retalhado ⁽¹²⁷⁾ - garanhão em que se praticou uma operação que não lhe permite ferrar as pernas." Mas se não é o que é garanhão, como adiante a explicação.

Também ocorre que, às vezes, em lugar de registrar a forma geral, V. Ex.^a registre a peculiar a S. José do Norte, Assim:

"tristai (p. 111) - cabos que seguram o mastro."

Deveria preceder a palavra de uma vez, pois V. Ex.^a diz que não a encontrou em nenhuma das diccionários que consultei: o Pequeno Vocabulário Brasileiro de Língua Portuguesa, o Grande e Novíssimo Dicionário de Língua Portuguesa (Lancelini

Parrinho (112). — Diz v. 88.º no Voca-
bulário que é gengo "enxilar", mas
no texto, guarda feio da pala-
vra, que servem para designar
as partes do corpo, assinala que
é gengo (p. 26)

Pág. 105

"Alcapão" - armadilha para apauhar
pensarinho, formada de uma portin-
holo na parte superior da gaió-
la - na qual se põe a chama -
e que se desarma por si mesma quan-
do o pensarinho lhe cair dentro!

Oras, já não está bem dito,
porque ela só desarma, quando o pen-
sinho toca no pan ou pegueira case,
que desarma o alcapão, está dentro
do alcapão. Logo, não é "por si
mesma".

Freira), o Vocabulário Gaúcho (Rogério Calape) e o Vocabulário Sul-Rio-Grandense (Luís Carlos de Morais)

Notando-se de um termo náutico, comum, v. gr.^a mas o posterior encontra-se nos dois últimos vocabulários sem as regionalizações. Na População do Dicionário há o seguinte registro:

"Estar, s. m. (naut.). Cada um dos cabos que, fixos na proa, seguran a mastrecaas (Civ. Bras., SPaulo, 2^a ed., 1939, p. 420).

E o que o registro é com e, embora a pronúncia de e seja diferente.

Pág. 93

"6. - O dígrafo io passa a iu :

mio-mio > miu-miu

fio > fiu"

O sentido de dígrafo entre iu é o mesmo de digrama, isto é, de duas letras que têm um só valor fonético, por exemplo: lh, nh, ch, ss, rr, etc.

O francês prefere o termo digrama, como se pode ver de Lévi que no Terminologie Linguistique de Staronjean, pág. 76: "Ensemble de deux caractères employés pour transcrire un son unique; ainsi, en français ch dans chercher, au dans amb." (3^e éd., Paris, 1951)

O inglês prefere digraph: "A combination of two letters (^(ai) either vowel or consonant ^(ai) signs) representing one spoken sound. (E. g., the English th).

(Mario A. Pei and Frank Gaynor, Dictionary of Linguistics, New York, 1954, p. 57)

Pág. 42

"4 - O ditongo ei, em qualquer posi-
cão, reduz-se a ê:"

deixa > dêxa

cobreiro > kobriêru

feijão > fêjõu

beirado > bêradu "

Diz V. Ex.^a que, em qualquer posição,
ei da ê. Pergunto se no final
o mesmo fato se verifica, por exem-
plo em lei, rei, aludi, lourei, etc.?

No Nordeste, em toda a região se pronuncia
as palavras citadas por V. Ex.^a, o ei
se conserva peio, esteio, peito, leite, leia,
peças, etc. (M. Parroggum, A Língua
do Nordeste, Ed. Nacional, Rio, 1934,
p. 64-65)

Diz V. Ex.^a que isto se dá
em qualquer posição. Entretanto,
no Morfológia, p. 98, 5, diz
que dei da di. No Vocabulário,
registrando parcia - "pantado de
espigas de arroz" (p. 124), assina-
la que a pronúncia é pareya.
Ve-se, portanto, que nem sempre
ei da ê na linguagem de S.
José do Norte.

Ainda: leia (têja) p. 129; meior

(mêyu) p. 127; garatêia (garatêja)

Pág. 94

"Dissimulacões:"

mesaki

cacunda."

O primeiro é um arcaísmo já
registrado por J. J. Vintz, (Gran.
Hist. Port., Lisboa, 1830, ~~1~~ 2ª ed., p.
62, 73, 114).

O ^{segundo} ~~segundo~~ portense é talvez popular,
do Brasil. Quem General colheu-o
em obra de J. de Silveira e Bon-
fins Lobato. Alguns autores dão-lhe
etimologia espanhola, outros vêem nela
uma alteração de cacunda, atra-
vés de cacunda.

Fig. 93.

9. Ua redig-m a ô em:

guaruma > koruma :

8' mais um xemplo de orla
me (Ver

Pág. 92

"O pretônico passa para e."

promessa > primessa"

Será que se trata de um fato
fonético geral ou apenas ocorre nes-
ta palavra? Se é geral, como parece
poder crer V. Ex.^a, a mesma altera-
ção fonética deveria ocorrer em:

proceder

processar

produção

profusão

programa

prolongar

propriedade

prosperar

proteger

A pág. 94, V. Ex.^a cita primessa,
atribuindo a passagem do -a-
a -e- à assimilação. Assim, igno-
rando se se trata de um fenô-
meno fonético geral, ou se é uma
mudança condicionada, devida ao -e-
posterior.

Pág. 93

"3- l velar passa a r:

salvar > serva

salga > sarga

salma > parma

alca > arca."

Al. Ex.^a, dando um vocabulário, a
proximidade de várias palavras em
que o -l- é velar na última
sílabas valor de -r-, exemplos:

calca > calca (p. 93), bolsa (p. 108), af
fer (p. 105), atear (p. 105), etc.

Vocabulário

Pág. 113 (53)

"Colhera" - peça de couro ou metal com
que se prendem pelas aspas um boi
ao outro."

Apesar de ang. gum a precede,
cite V. Ex.^a a palavra como registra,
de nos quatro dicionários consult.
dos: D. L. F. M. R. G.

A definição de Luis Carlos de
Borain é a seguinte: "Peça de couro
ou metálica com que se prende pelo
processo um animal a outro. Aplica-
se também o termo, para designar
conjunto de dois animais ligados um
ao outro, etc." (Vocab. Sul-Riograndense,
Globo, 1935, p. 77-78)

Regina Calafé: "Ligação com que
se acalham os cavalos, juntando
um ao outro." (Vocab. Gaúcho,
Globo, 1928, p. 45)

Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua
Portuguesa, 2.^a ed., 1939, Cos. Edit., p. 245:
"(Bras.) Apêso para atrelar dois ani-
mais, um ao outro."

Romaguera Correia (Vocabul. Sul
Rio-Grandense, Livr. Universal, Pelotas.
P. Alegre 1888, L. 60: "Colhera - corda gum

Pág. 89.

"Falta o e, brevissem, com valor para
ade ao e mudas francas:

gem & kê

se & sê, si

de & dê, di

Também quando proferido em posição
alecate & alicati." (p. 90)

Em português não se diz ale
nem se escreve alecate, mas
sempre alicati.

Pág. 114

"de já hoje, loc. adv. [di ja ôji] - há
pouco, recém. G F, M."

Nas hd, ao que eu saiba, a palavra
recém, mas sim recente. Recém só
existe em português como um ele-
mento de pronomas de companhia:
recém-chegado, recém-arruado, recém-ce-
sado, etc.

Pág. 113 (cont.)

serve para unir um animal a outro pela perna, sem o anillo (peça da colliera) circunada. - Etym.: do colliera, cadeia de forçadas das galas (Valdez) ".

Bernardus Jui da Silva (Ciclo do Carro de Boi no Brasil, Comp. Edit. Nacional, S. Paul, p. 371) define a palavra: Colliera, às vezes corrupta para na fronteira meridional em culiera, é uma peça de couro ou de metal com que se prende pela perna um animal a outro: aplica-se também o termo, para designar conjunto de dois animais juntos em as outas (L. C. Morais, Vocab. Sul. Rio - Grandense)

E acrescenta: "Colliera, informa mais minudentemente Rafael Barcellos Loucalos, Prefeito de Rosário, no Rio Grande do Sul, "é uma corrente ou força traçada, de meio metro de comprimento aproximadamente, com cujo centro é colocado um pequeno aparelho distorcido e, nas extremidades, tiras de couro em, para afetar pela perna dos dois animais, geralmente um macho e outro chamo: seu uso faz parte o amansamento dos novilhos." (Ciclo do Carro de Boi no Brasil, p. 372).

Pág. 125

"+ Porre, s. m. [porre] — tomar um...
embebedor-se."

Assinala V. Ex.^a com uma cruz
esta palavra, sugerindo com isso sig-
nificar que ela não vem registra-
da em nenhum dos dicionários con-
sultados por V. Ex.^a, isto é, no Pe-
queno Dicionário Brasileiro de Língua
Portuguesa, no Vocabulário Faísca de
Rogério Callage, no Vocabulário Sul-
rio-Grandense de Luis Carlos de Wo-
raiz e no Grande e Minúsculo Dicio-
nário da Língua Portuguesa de Lan-
delino Freire.

Entretanto a palavra está registra-
da no Pequeno Dicionário Brasilei-
ro da Língua Portuguesa, organizado
por Hildebrando de Lima e Gustavo Ber-
rão, S. Paulo, 1939, p. 818. Como vê, isto
é um dos que V. Ex.^a cita como não
de consultado.

A palavra ocorre nos dicionários
da língua brasileira. Para só citar um,
a Língua Brasileira de Antonio Nacou-
to, atualizada, completa, obra feita
com aquela segurança que só o
grande mestre sabe imprimir
no seu trabalho. Lá figura ela
registada a páginas 143, Rio, 1953.

Em Portugal, é também a palavra conhecida na Guiné, mas sob a forma porrio (Ver Alberto Ressa, A Guiné Portuguesa, Lisboa, 1961, p. 251).

Manuel Viotti (Dicionário da Língua Brasileira, S. Paulo, 1945, p. 284) regista a palavra sob a forma porrio — "Embraguez, também porre e poringo. C. de Figueiredo, Gr. et. de frase-o: "bebida servida por um copo-copágio." Dá porré como brasileirismo, no sentido de embriaguez, mas quando vimos em verbete. Talvez seja erro tipográfico por descuido com o "e" final."

Com efeito, consultando o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, em sua 4.^a ed., 1925, 2.^o vol., lá se encontra registrado porré.